

## INFLUÊNCIA PORTUGUESA E HOLANDESA NA ARQUITETURA COLONIAL DO RECIFE, PE: UM ESTUDO SOBRE O CASARIO DA RUA DO BOM JESUS.

Ravena Barbosa Machado de Souza<sup>1</sup>

Henry Sócrates Lavalle Sullasi<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

### RESUMO

O presente trabalho visa aprofundar os conhecimentos acerca das origens arquitetônicas que influenciaram a arquitetura colonial do estado de Pernambuco, conseqüentemente, foi necessário caracterizar a tipologia construtiva portuguesa e holandesa para as casas populares destinadas a moradia e, de acordo com estas, classificar o casario do Recife, considerando a predominância das características arquitetônicas, em tipologias portuguesa, holandesa ou mista. A definição desta classificação se deu por meio de uma revisão bibliográfica que buscou listar elementos construtivos e soluções arquitetônicas – materiais usados, planta baixa, tipo de telhado, formato das esquadrias, fachada e adornos – que caracterizassem cada uma das culturas. A partir da historiografia, observou-se que o casario da Rua do Bom Jesus, situada no Bairro do Recife Antigo, além de ter sido edificado por flamengos e lusitanos, foi uma das poucas vias preservadas na reforma urbanística do início do século XX, tornando-se, portanto, o estudo de caso da pesquisa. A classificação proposta se deu por meio do método comparativo entre as duas tipologias definidas, com 34 variáveis cada, e as 22 edificações analisadas. O resultado obtido por meio da análise demonstrou que ambas as tipologias exerceram influência em nossa arquitetura colonial, uma vez que todo o conjunto estudado foi classificado como misto, onde 59% são mista portuguesa, 27% mista holandesa e 14% mista.

Palavras chave: arquitetura colonial; tipologia construtiva; tipologia portuguesa; tipologia holandesa.

---

1 Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

2 Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

## ABSTRACT

The present work aims to deepen the knowledge about the architectural origins that has influenced the colonial architecture of the state of Pernambuco. The research aims to characterize the Portuguese and Dutch constructive typology for popular houses intended for housing and, according to these types, classify the houses of Recife in Portuguese, Dutch or mixed, through the predominance of their characteristics. The definition of types follows a bibliographical review aimed to identify constructive elements and architectural solutions – materials used, floor plan, type of roof, shape of frames, façade and adornments – that characterized each one of the cultures. From the historiography, it was found that the houses on Rua do Bom Jesus, located in the Bairro do Recife Antigo, in addition to having been built by Flemings and Lusitanians, was one of the few streets preserved in the urban reform of the early 20th century, therefore, becoming the case study of this research. The classification proposed here was based on the comparative method between the two defined typologies, with 34 variables each, and the analysis of 22 buildings. The results obtained through the analysis showed that both typologies exerted influence on our colonial architecture, since the entire set studied was classified as mixed, where 59% are Portuguese mixed, 27% Dutch mixed and 14% mixed.

Key words: colonial architecture; constructive typology; Portuguese typology; Dutch typology.

## INTRODUÇÃO

O estado de Pernambuco conta com um dos maiores e mais importantes “acervos” do patrimônio cultural edificado do Brasil. Duas das maiores referências desse patrimônio são o conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico do Antigo Bairro do Recife, tombado pelo IPHAN em 1998 (IPHAN, 2010a), e a cidade histórica de Olinda, tombada pelo IPHAN em 1968 e declarada como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1982 (IPHAN, 2010b).

Em ambos os casos, observa-se a predominância de uma típica arquitetura colonial, que abrange as edificações feitas em solo brasileiro do ano de 1530 até sua independência em 1822. As referências estilísticas dessas construções vieram principalmente da Europa Renascentista, que nos séculos XVI e XVII influenciaram grande parte dos países europeus – incluindo Portugal e Holanda – em seu “modus operandi” de se planejar e construir vilas e cidades nos novos territórios dominados. (BOLTSHAUSER, 1969 apud SOARES; MELO, 2010).

Contudo, essas nações colonizadoras precisaram adequar seus padrões construtivos à realidade socioambiental da nova colônia. Fatores como o clima, relevo, materiais disponíveis, falta de mão de obra qualificada e das tecnologias europeias, foram determinantes na adequação e execução desses projetos, criando assim uma arquitetura colonial brasileira. Esse tipo de arquitetura é frequentemente encontrado em diversas outras cidades históricas como Ouro Preto-MG, Paraty-RJ, Penedo-Al e Salvador-BA.

No que se refere às casas coloniais brasileiras, observa-se uma forte influência do modo construtivo português na conformação dessas moradias, que em sua maioria eram com paredes caiadas e portais coloridos, comuns também nas paisagens do Minho, do Alentejo e do Algarve, em Portugal. Outra característica marcante refere-se à solução dada para o escoamento das grandes chuvas, com as inflexões dos telhados e dos beirais alongados, fruto da experiência europeia. Da mesma forma, destaca-se a assimilação de alguns elementos do modo de viver do índio, adaptado aos trópicos, que entende que cozinhar é uma tarefa a ser feita do lado de fora da morada, numa varanda ou num puxado do lado da casa (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

Destoando do restante do Brasil, a capitania de Pernambuco nem sempre sofreu influência da colônia portuguesa, havendo um período, de 1630 a 1654, de dominação holandesa no estado. A cidade do Recife, passou por um processo de remodelação cultural. Essa influência marcou tanto os aspectos políticos e culturais, quanto o nosso desenvolvimento urbanístico e arquitetônico, sendo este bastante estimulado na época holandesa.

Atualmente, muito se sabe sobre o período holandês e suas consequências para nossa cultura, porém a influência em nossa arquitetura colonial é pouco estudada por ser considerada nula ou sem expressividade. Um dos motivos que apóiam esse pensamento é o fato de ter havido uma grande destruição do legado holandês, promovida pelos portugueses quando da retomada do poder.

Diante desse fato e do conhecimento histórico de que as pouquíssimas edificações remanescentes desse período já passaram por diversas reformas, responsáveis por remodelar e modificar o seu perfil construtivo (MENEZES, 2015), muitos pesquisadores afirmam que não existem mais construções com características holandesas em nosso estado. Intensificando ainda mais esse cenário, destaca-se a reforma urbana (Imagem 01), iniciada em 1910, que além de ter contribuído com a modificação da paisagem cultural do Recife Antigo foi responsável por mudar aspectos socioculturais da ilha, já que:

inspirada no modelo da Paris de Haussmann, buscou três objetivos: a modernização do porto, a higienização e melhorias das condições de salubridade e a reforma urbanística. O equivalente a 2/3 do Bairro foi demolido para abertura de avenidas monumentais e os antigos sobrados coloniais foram substituídos por edifícios ecléticos. [...] Desse modo, o Bairro do Recife sofreu um verdadeiro processo de elitização, que objetivou substituir a imagem da cidade colonial pela de prosperidade, beleza e civilidade (IPHAN, p. 4, 2010).

IMAGEM 01: DEMOLIÇÃO DO CASARIO E DA IGREJA DO CORPO SANTO, AO CENTRO, PARA REFORMA URBANÍSTICA DO BAIRRO DO RECIFE.



FONTE: FRANCISCO DU BOCAGE, 1913.

Em oposição a essa ideia observa-se, por parte da população, uma tendência de relacionar algumas características da arquitetura colonial recifense a elementos da cultura holandesa. O conjunto de sobrados que compõem a paisagem da Rua da Aurora, no Bairro da Boa Vista, é frequentemente usado como exemplo dessa influência, uma vez que a configuração desse conjunto, com casas conjugadas e de grande altura, assemelha-se muito com a tradicional arquitetura holandesa.

Todavia, essa influência é questionada por alguns pesquisadores, pois esse tipo de solução arquitetônica – muito comum quando há aumento populacional sem a contrapartida de um desenvolvimento na infraestrutura básica da cidade – só veio a ser utilizada, nas principais cidades do Nordeste, posteriormente ao século XVIII, ou seja, em período posterior ao domínio holandês (LEITE, 2014). Para, além disso, essa solução baseada na verticalidade vem sendo utilizada por diversas sociedades ao longo do tempo, como observou Roberto Teixeira, que corrobora essa hipótese afirmando que:

os sobrados magros que iriam ser uma característica marcante da fisionomia urbana do Recife até o século 19 não denotam qualquer influência holandesa (como pensou Gilberto Freyre e depois José Antônio Gonsalves de Melo), por que esse tipo de construção elegante dominada pela verticalidade e se alteando a três e mais andares existiu não apenas na Holanda como em vários outros países da Europa, inclusive em Portugal (LEITE, 2014, p. 32).

O exemplo acima citado demonstra a importância de se aprofundar os conhecimentos acerca das tipologias construtivas que influenciaram a arquitetura colonial brasileira, uma vez

que é frequente a supervalorização da influência portuguesa em detrimento de todas as outras culturas, como a indígena, africana e holandesa. Entretanto, é imprescindível que esses dados sejam contextualizados e correlacionados aos processos históricos e sociais responsáveis pela consolidação do modo de construir próprio do Brasil colônia, pois somente assim podemos extrair informações seguras sobre as características culturais da nossa sociedade.

É nesse sentido que a arquitetura, estudada sob uma ótica arqueológica, pode abordar as edificações enquanto cultura material de um determinado povo, buscando atender necessidades individuais e coletivas que refletem, intrinsecamente, hábitos, costumes e interesses dos grupos num determinado espaço e tempo (TIRELLO, 2017).

Diante do exposto, a análise aqui proposta se dará de forma comparativa entre os tipos definidos – português e holandês – buscando identificar as principais características morfológicas de cada modelo – como local de implantação, modelo da planta baixa e da fachada, formato das esquadrias, telhado – bem como as possíveis técnicas e tecnologias utilizadas no processo construtivo das edificações. Apoiando-se nessa caracterização pretendemos criar uma classificação para as edificações, a serem escolhidas para a análise, como: portuguesa, holandesa ou mista.

O critério de seleção para a escolha dos imóveis se deu pelo seu valor histórico, acesso aos documentos e ao próprio imóvel, assim como estar situado preferencialmente na cidade do Recife, por essa cidade ter passado por um processo de colonização tanto português quanto holandês. Nesse sentido, definiu-se o Bairro de Recife Antigo como a área de maior interesse para a pesquisa, pois de acordo com Leite (2015, p.34) “a atividade edílica dos holandeses no Brasil, limitou-se praticamente ao Recife com a cidade Maurícia; inexistiu qualquer contribuição à arquitetura rural, que permanece fiel a tradição portuguesa”.

A partir daí, os resultados da pesquisa bibliográfica se mostraram fundamentais na hora da escolha dos imóveis a serem estudados, pois os dois momentos de remodelação urbana já citados – retomada de poder da coroa portuguesa e reformas no século XX – foram responsáveis pela modificação da morfologia urbana e destruição de inúmeras casas remanescentes da época holandesa (Imagem 02), fazendo com que a maioria do conjunto arquitetônico preservado atualmente não tenha qualquer relação de continuidade com as construções do século XVII.



IMAGEM 02: RUA DOS JUDEUS, MERCADO DE ESCRAVOS. AQUARELA SOBRE PAPEL.



FONTE: ZACARIAS WAGENER, 1630

Nesse contexto, os dados obtidos por meio acervo do Iphan e da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural- DPPC da cidade do Recife serviram de base para a delimitação de uma área mais específica e coerente com os objetivos da pesquisa. Esses dados afirmam que:

Na porção central da ilha está a Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus. Com ocupação que remonta ao século XVII, esta rua manteve parte de suas características anteriores à reforma urbana, estando ainda preservada a volumetria colonial de seus sobrados estreitos e altos (IPHAN, p. 11, 2010).

Portanto, o casario desta rua, que se encontra no 1/3 da região menos afetada pelas demolições do século XX (VIEIRA, 2012), apresenta as melhores condições de preservação da tipologia aqui estudada: as casas simples de moradia. De acordo com Joaquin Cardoso (1940, p.395) “os parâmetros da rua dos Judeus, [...] ainda hoje perduram, como os últimos vestígios do mais velho Recife, e um exame bem conduzido nos interiores dos pardieiros que ainda lá se conservam, talvez nos traga resultados apreciáveis”.

Segundo Nikolaus Pevsner (1978), o tipo engloba o estilo, os materiais e a função, podendo esta mudar de acordo com a cultura da sociedade; expressa soluções funcionais típicas de uma determinada cultura e permite entender tanto a evolução dos estilos quanto às modificações

das funções dos prédios. É dentro dessa perspectiva que o estudo da arquitetura pode ser um meio para se entender aspectos da sociedade

Entender a lógica de um sistema cultural, e de como ele influencia determinadas características de um povo, depende da compreensão das categorias constituídas desse sistema. Logo, é necessário entender que a cultura é um processo dinâmico, de contínua modificação e sofre influência tanto de fatores internos – dinâmica do próprio sistema cultural – quanto externos – resultado do contato com outros sistemas (LARAIA, 2009).

Portanto um aprofundamento no assunto se faz necessário, pois este possibilitará uma melhor e mais completa compreensão do nosso patrimônio arquitetônico, e conseqüentemente da nossa identidade cultural. Tal idéia embasa essa pesquisa sobre os artefatos construtivos da Rua do Bom Jesus, oferecendo dados auxiliares para ações de preservação, ao questionar noções pré-existentes sobre os objetos edificados e revelando novos aspectos, até então ignorados.

Consoante ao exposto, este artigo tem por objetivo apresentar um método de análise para casas simples de moradia do período colonial da cidade do Recife, classificando-as de acordo com a predominância de características dos tipos construtivos: português e holandês; para em seguida aplicá-lo ao casario da Rua do Bom Jesus, Recife – Brasil. Para isso, objetiva-se caracterizar uma tipologia construtiva portuguesa para o século XVI; caracterizar uma tipologia construtiva holandesa para o século XVI; e sistematizar os conhecimentos acerca dessas tipologias apontando os elementos que influenciaram a arquitetura colonial pernambucana.

## **ESTUDOS TIPOLÓGICOS DE EDIFICAÇÕES**

Para a definição das variáveis associadas as tipologias portuguesa e holandesa, pesquisou-se referências tanto em fontes escritas – livros, artigos e documentos – quanto em fontes iconográficas – quadros, painel azulejar, plantas e fotos. Posteriormente, iniciou-se a etapa comparativa entre os tipos definidos e as edificações coloniais da Rua do Bom Jesus. Para tal foram feitas visitas in loco e em órgãos de preservação do patrimônio – que dispunham de documentações referentes às casas estudadas – a fim de sistematizar o material que possibilitou uma correlação com os dados obtidos na pesquisa.

## **A TIPOLOGIA CONSTRUTIVA NA ARQUITETURA**

A teoria do Tipo na arquitetura começou a ser discutida ainda no século XVIII por Antoine-Christophe Quoy (1755- 1849) e perdura até os dias atuais. Este teórico entendia que na invenção arquitetônica um “gene pré-existente” poderia ser encontrado, pois esta era resultado de um processo de recriação de uma forma, precedente e necessária, adaptando-as a novas realidades sociais e ambientais.

No início do século XX, ressurgiu com força essa discussão e nomes como Giulio Carlo Argan (1965), defendem que a noção de tipo não pode ser reduzida a “uma série de variantes formais a uma suposta estrutura comum” servindo apenas a um sistema de classificação. Mas deve também ser entendido como parte de um processo criativo, classificando-o em três categorias, relativas à: configuração geral do edifício; aos seus elementos construtivos; e aos elementos ornamentais (PIRES, 2017)

Partindo da ideia introduzida por Quoy, de que “os modos de habitar eram determinados pelas circunstâncias sociais, ambientais e econômicas de cada nação ou região” (ANDRÉ, 2016, p. 25) esta pesquisa não pretende estabelecer tipologias completas e rígidas, que compreenda toda a diversidade cultural de um país, e sim identificar elementos que, em conjunto, sejam capazes de fazer referência a tais povos.

Hoje é consenso entre os pesquisadores que não se deve defender a ideia de que exista uma forma construtiva específica e única de uma nação, que os identifique culturalmente, pois esta identidade “põe como condição a existência de uma região, e de uma sociedade, gerando uma cultura, obrigatoriamente com características originais e permanentes” (FARIAS, 1997, p. 06). Esta condição pode ser facilmente questionada com base nas diversas evidências históricas onde se identificam trocas e assimilações culturais entre diferentes grupos étnicos.

A relação entre o homem e os objetos que ele produz pode ser observada sobre o enfoque tecnológico que busca estudar esses grupos com suporte em sua produção técnica. Essa produção é resultado das necessidades diárias dos grupos, cabendo observar suas estratégias de escolha e processamento da matéria prima. Sobre esse enfoque Gallay (1986, p. 38, apud MATOS, 2009 p. 39) ressalta que há “a existência de uma íntima relação entre técnica, matéria prima e Leis da física. Essa relação propicia certas uniformidades de soluções técnicas que podem ser identificadas” e associadas à fatores diversos, como culturais ou ecológicos.

Portanto, parte-se do pressuposto de que um estudo do nosso patrimônio arquitetônico, sob o viés da arqueologia, com toda sua multidisciplinaridade e sistemática metodológica, proporciona uma expansão das possibilidades analíticas dessa cultura material deixada pelas sociedades pretéritas. Com isso, permite-se uma melhor compreensão do mesmo, que como consequência possibilita ações mais pontuais e eficazes na sua preservação, Tirello (2007, p. 150):



## A APLICAÇÃO DO MÉTODO DE PESQUISA

Para que a utilização do método comparativo em tipologia arquitetônica produzisse resultados satisfatórios, foi preciso dividir a pesquisa em quatro fases subsequentes: revisão da literatura; definição das tipologias; pesquisa *in loco* na Rua do Bom Jesus; e comparação e classificação do casario colonial analisado.

A revisão de literatura objetivou definir as tipologias construtivas portuguesa e holandesa, buscando referências de suas influências, modificação ao longo do tempo e principais características. A última fase da pesquisa teve como foco a arquitetura colonial brasileira, também buscando identificar suas características e influências. Com isso, foram elaboradas fichas com informações essenciais das tipologias consideradas na pesquisa.

Para a definição das tipologias, foram selecionados atributos comuns às duas tipologias. Esses dados foram posteriormente contrastados com fontes visuais – quadros, painéis e gravuras – que foram imprescindíveis para a definição dos elementos que caracterizariam o tipo português e o holandês para as casas simples de moradia. Buscou-se qualificar os mesmos elementos para as duas tipologias, estipulando assim variáveis em comum que pudessem ser marcadores culturais. Essas variáveis foram separadas em três categorias, como proposto por Argan (1965), de acordo com:

- a. Configuração geral: local de implantação; modelo da planta baixa; formato da cobertura; e formato da fachada.
- b. Elementos construtivos: alvenaria; madeira; e telhas.
- c. Elementos ornamentais: formato das esquadrias; e formato dos adornos internos e externos;

A análise dos exemplares da arquitetura colonial considerou o casario da Rua do Bom Jesus, observando tanto as próprias edificações, como também toda a documentação existente nos arquivos do Iphan, DPPC e FUNDARPE. Com isso pode-se selecionar com mais critérios as casas a serem comparadas, visto que algumas delas já são exemplares de uma arquitetura mais moderna, mesmo estando em harmonia com o conjunto antigo preservado. As visitas tiveram como objetivo fazer o reconhecimento visual, o levantamento arquitetônico, e os registros fotográficos de cada edificação. Por fim, comparou-se os tipos definidos e classificou-se as casas selecionadas.

## DEFININDO E COMPARANDO TIPOS

### CARACTERIZAÇÃO DA TIPOLOGIA PORTUGUESA

No contexto das edificações lusitanas, a primeira referência conhecida ao tema da casa portuguesa surge num pequeno artigo de Henrique das Neves (1841-1915), militar e etnólogo português, publicado em 1893. Ele reconheceu diferenças regionais nos modos de construir, nas matérias-primas empregadas e nas formas estéticas das casas, como a forma da cobertura e das aberturas de vãos. Todavia, seu estudo possibilitou evidenciar que essa diversidade estava unida por um espírito comum, derivada da mesma capacidade de adaptar o edificado às condições climáticas, materiais e sociais de cada região (ANDRÉ, 2016, p. 33).

Neves propunha ainda que esta casa portuguesa não seria exatamente um estilo português de habitação, com uma linguagem arquitetónica própria, mas uma forma nacional de construir, uma sabedoria tradicional empírica onde a forma respondia à função e às circunstâncias contextuais do lugar. A casa era resultado do gosto e das necessidades de quem a habitava e por isso “a grande variedade regional, não deriva tanto dos diferentes materiais e do seu tratamento, mas, sobretudo da sua organização interna” (ANASTÁCIO, 2013, p. 234) feita em função das necessidades mais básicas (cozinhar, comer e dormir) bem como das atividades agrícolas.

Contudo, Neves salienta que a todas essas edificações era comum que fosse em regiões montanhosas ou ribeirinha, a simplicidade e a rudeza da construção, como mais tarde constatou Faria em seu livro sobre o sistema construtivo português: a falta de uma especificidade construtiva não impossibilita no entanto à constatação da existência de traços dominantes, como o predomínio de construção com estrutura porticada, vedações com alvenaria de tijolo e/ou pedra e o predomínio da construção de inércia forte<sup>3</sup> (FARIA, 1997).

Este tipo de casa, na época da expansão marítima, passou por transformações decorrentes dos novos contatos culturais. Nesse tempo histórico introduziram-se formas de maior dimensão e complexidade tipológica. Observa-se que alguns modelos da arquitetura popular dessa época adotaram inovações técnicas de diversas ordens, bem como reformulação de conceitos espaços-funcionais que se validaram por sucessivas repetições, reconfigurando-se em novos modelos (MESTRE, 2016).

De acordo com a morfologia, Demangeon (1936) classificou as casas portuguesas em dois grandes grupos: 1- casa bloco; 2- casa pátio. Como o objetivo dessa pesquisa é aprofundar os

3 A inércia é a capacidade de uma edificação de reduzir a transferência ou transmissão de calor. Uma parede apresenta maior ou menor inércia segundo seu peso e sua espessura, considerando também o material utilizado (FROTA; SCHIFFER, 1988)

conhecimentos acerca das casas simples de moradia, nos centraremos apenas no primeiro grupo, que compreende as construções em que todas as partes encontram-se no mesmo bloco, podendo ser térreas – onde os espaços funcionais aparecem justapostos – e de pisos, onde os espaços funcionais estão sobrepostos, com habitação no andar superior e espaços comuns e de serviço no térreo.

De acordo com Paulo Simões Rodrigues, algumas recorrências podem ser observadas nas casas portuguesas, visto que nestas:

a habitação propriamente dita localizava-se no primeiro piso, ao qual se acedia por uma varanda, assente numa parede frontal que, a partir do solo, se elevava à altura de 1 a 2 metros; o piso térreo era destinado à adega nas casas nobres (por isso não tinha portas nem janelas, mas óculos) e à recolha de animais nas casas de gente remediada; não ultrapassavam os três andares e apresentavam telhados de beirais alongados devido às neves do Inverno e ao excesso de calor do Verão, as casas se caracterizassem pela inclusão de um balcão no piso superior e pelo telhado bem avançado (ANDRÉ, 2016, p. 33).

Dentre os elementos arquitetônicos comuns as casas portuguesas – mantidos ao longo do tempo, e que se repetiam independentemente das configurações que essas habitações assumissem – estão: as escadas exteriores, com ou sem guarda; as varandas corridas, cobertas e salientes, com acesso direto à habitação; a parede frontal de igual dimensão desde o nível do solo até 1 ou 2 metros de altura; e o piso térreo destinado ao acolhimento dos animais (PEREIRA, 1896).

A varanda, mesmo com suas variações, está presente em edificações de todas as regiões do país. Nas casas mais modestas, eram frequentes as varandas que Henrique das Neves denomina de árabes, fechadas e salientes, inseridas em fachadas também salientes, a partir do limite superior da verga das portas, protegendo-as da luz e do calor do sol (ANDRÉ, 2016). Este elemento pode ser de acordo com Weimer, decorrente do contato cultural com nações africanas, que possivelmente foram os primeiros povos a usarem essa estratégia construtiva em busca de mais conforto térmico (WEIMER, 2013).

No norte de Portugal, em Trás-os-Montes, Beira Alta e Porto a varanda das casas pode ser caracterizada por:

ser reentrante à parede frontal do último pavimento em relação à parede mestra que vem dos alicerces, dando, assim, espaço a um balcão longo e desoprimido, brigado pelo telhado saliente, de modo a proteger contra as neves do inverno e os

ardores do estio (NEVES, 1893 p. 47 apud ANDRÉ, 2016, p. 33).

Nas habitações mais simples do Sul, destacam-se: a rudeza da construção, com paredes grossas, caiadas, feitas principalmente de taipa e alvenaria; e o uso recorrente do granito e fachada com disposição irregular. Outro tipo de moradia muito comum a essa região é a casa burguesa do século XVI, que Teixeira de Carvalho descreveu, salientando as suas escadas exteriores que subiam até ao primeiro andar, para terminarem em peitoris ornamentados com colunas de capitéis floridos, as suas janelas de ângulo simples e as chaminés altas e decoradas (ANDRÉ, 2016).

Essa diversidade de características que conforma a casa portuguesa, que varia de acordo com o clima, materiais disponíveis e as necessidades do morar, serviu de referência para análise de fontes iconográficas como o desenho “Desembarque de Felipe III na praça do Paço, em Lisboa”, de Domingos Vieira Serrão, do painel azulejar “O grande panorama de Lisboa”, de Gabriel del Barco, e da pintura de autor desconhecido, que retrata a Rua Nova dos Mercadores, em Lisboa (Imagem 03).

Essas fontes permitiram constatar o predomínio de algumas características como o telhado de quatro águas com inclinação menor que 30%, a pouca verticalidade das casas, a simplicidade das formas e da fachada, assim como a preferência por portas que ligam a varandas ou balcão, em detrimento das janelas quase sempre de pequenas dimensões. Nas esquadrias percebe-se o uso frequente de duas folhas de giro, em madeira e com venezianas.

IMAGEM 03: RUA NOVA DOS MERCADORES, LISBOA.



Fonte: Autor desconhecido, século XVI.

Portanto, será esse conjunto elementar – que aqui se toma como uma casa portuguesa

com influência de outras culturas e adaptável a seu meio – que adquire uma identidade transterritorial e que remete à casa de influência portuguesa. Como ressaltado por Mestre, “será por isso que a encontramos em outros lugares, outros continentes, a partir do século XVI e principalmente XVII, mas que sempre em contexto de fundação urbana” (MESTRE, 2016, p. 06).

## **CARACTERIZAÇÃO DA TIPOLOGIA HOLANDESA**

No que se refere a arquitetura holandesa, até meados do século XVII, esta caracterizava-se por ser uma arquitetura de linhas sóbrias e simples, muitas vezes dispensando o uso de adornos. Desde a segunda metade desse século, com a consolidação da Idade do Ouro, a riqueza e a prosperidade da região são expressas na arquitetura que, mesmo se mantendo dentro de um classicismo francês, começa a se modificar passando a valorizar o uso de elementos estéticos, principalmente no espaço interno das residências.

Dentre as principais influências, destaca-se o uso de alguns elementos góticos – como a verticalidade, uso de torres e agulhas – renascentistas e clássicos, onde “é possível verificar o traço maneirista e a simplicidade dos ornamentos; a simetria, marcada pelas duas torres com uma releitura de calotas no coroamento; e os arcos de volta inteira e janelas em caixilho” (KOCH, 2009 apud FULGÊNCIO, 2015, p. 250).

Um traço característico que merece destaque do habitar holandês é o fato deste ter se acostumado, e preferir morar próximo à água; mesmo na zona rural, a casa é cercada por um fosso. Nos centros urbanos, observa-se que nas vias de tráfego, frequentemente se encontra um canal, onde nos bairros ricos é orlado por abundante vegetação. Os bairros pobres, em sua maioria possuíam canais, mas as ruas não eram calçadas. Esses canais eram rodeados por casas de madeira, tipicamente medieval, encontradas em grande número (ISRAEL, 1992).

Nas ruas centrais das principais cidades holandesas do século XVII ainda se encontravam as tradicionais casas de madeira, entretanto, o costume vigente na época era a construção em tijolos maciços e a utilização do arenito para a ornamentação das fachadas. Ottenheym destaca que nessa época, a casa da cidade, com sua fachada de frente e suas decorações em pedra variegada (que apresenta cores ou matizes variados), era o estilo usual do arquiteto e podia ser facilmente encontrado tanto nesse país, quanto nos vizinhos, que absorveram sua arquitetura em tempos posteriores (OTTENHEYM, 2010).

As primeiras casas copiavam a volumetria de edifícios antigos, evidenciando em suas fachadas a quantidade de pavimentos da edificação. A moradia holandesa não se caracteriza

por casas grandes em largura com amplas áreas livres em seu entorno, há, no entanto, preferência para edifícios relativamente pequenos em sua largura e separados um do outro por um pequeno espaço, que geralmente não passam de centímetros. Dois ou três andares formam o padrão, mas com o passar do século a altura dos prédios torna-se um sinal de riqueza para a grande burguesia (ZUMTHOR, 1959).

Em livro sobre a Holanda nos tempos da Idade do Ouro, que vai de 1584 a 1702, Paul Zumthor descreve a típica casa holandesa, dando destaque aos principais elementos como:

as janelas que são numerosas; a casa holandesa padrão raramente apresenta mais de seis janelas em sua fachada. Os telhados são geralmente inclinados para evitar a penetração da chuva e neve. O térreo possui uma porta que se abre para a rua e uma marquise horizontal chamada luifel. Os detalhes diferem muito segundo a classe social do morador. O espaço no interior das casas é restrito, as escadas são estreitas com andares curtos. As casas mais simples mostram um único luxo, o verniz em suas portas e janelas, que geralmente possuem um peitoril mais baixo. No século XVII, as casas das pequenas aldeias periféricas muitas vezes não possuíam paredes ou divisórias internas (ZUMTHOR, 1959, p.209).

O conjunto dessas características citadas acima é considerado aqui como uma referência para se precisar as variáveis que definem a tipologia das casas holandesas. Algumas dessas podem ser identificadas nas representações iconográficas da residência de Maurício de Nassau, “o Palácio de Friburgo, que em certo nível, estava em conformidade com a produção da arquitetura nos Países Baixos entre os séculos XVI e XVII” (FULGÊNCIO, 2015, p. 520).

De acordo com a iconografia da época observa-se que “na aquarela de Wagner a primeira casa de Nassau aparece como um sobrado português típico, de varanda corrida e cobertura de quatro águas” (MELO, 2014, p. 43). Todavia, a segunda morada do Conde já apresentava traços mais marcantes de sua cultura, mesmo que, como ressaltado por Melo (2014, p. 52) seja “inegável a presença, em Vrijburg, de certos elementos da arquitetura luso-brasileira, como os telhados de quatro águas e aberturas de ventilação sobre as janelas”.

Na casa holandesa dessa época, as esquadrias tinham grandes dimensões por que cumpriam a função de iluminar e tornar o ambiente interno, geralmente de pequenas proporções, mais confortável. As áreas de convivência e socialização situavam-se no térreo e frequentemente mediam a largura do terreno, estando a escada quase sempre em uma das paredes laterais. O espaço íntimo ficava nos demais pavimentos e no sótão, que devido à alta inclinação dos telhados, possibilita a criação de mais um piso.

Para a delimitação dos atributos da tipologia holandesa foi imprescindível a análise de



fontes iconográficas. Destaca-se o desenho de Saenredam (Imagem 04) e as pinturas “View of Delft” de J. Vermeer, “The Delft city wall with the Houttuinen” de Pieter J. Van Asch, “A view in Delft” de A. Eversen e “ A view of a small town” de Jan Van der Heyden.

Assente nestes quadros foi possível confirmar o uso de telhados com duas águas, com inclinação superior a 30% que possibilita a criação do sótão, a predominância de janelas de caixilho, onde predomina o uso do vidro, assim como a valorização da verticalidade. Destaca-se o uso da madeira e do tijolo como elemento construtivo predominante. Pode-se observar também que a rua serve tanto de espaço de convivência como local de comercialização.

IMAGEM 04: THE GROTE MARKT INCLUDING THE HOOFWACHT ON THE LEFT IN HAARLEM.



FONTE: PIETER JANSZ SAENREDAM, 1629.

Para os holandeses o espaço público tinha grande valor na medida em que a rua exerce uma função sociológica e política. As relações sociais eram vividas nas vias públicas e devido a isto, era comum as corporações se organizarem em ruas particulares, onde as profissões davam nomes às ruas e também às casas, comumente havia insígnias na fachada das casas identificando a profissão ali exercida (ISRAEL, 1992).

## DEFININDO AS TIPOLOGIAS, PORTUGUESA E HOLANDESA

Consoante ao exposto apresenta-se a seguir um quadro que tem como objetivo sintetizar os elementos característicos de cada uma das duas tipologias estudadas. Os elementos destacados serviram de referência para a análise das edificações coloniais recifenses.

TABELA 01: SÍNTESE DAS TIPOLOGIAS CONSTRUTIVAS PORTUGUESA E HOLANDESA

			Portugal	Holanda
Configuração geral	Implantação	Afastamento	Em centros urbanos, geralmente conjugadas	Frequentemente conjugadas
		Uso do solo	Presença de quintal	Uso total do terreno;
	Planta baixa	Pavimentos	Não passe de 3 andares	Tem em média 3 andares
		Uso dos pavimentos	Térreo dedicado a serviços, guarda de bens e animais e moradia de escravos; demais pisos para moradia	Térreo dedicado a serviços e demais pisos para moradia
		Espaços	Varandas reentrantes, corridas, cobertas ou com muxarabi; balcão saliente;	Espaços reduzidos, escadas estreitas e presença de sótão;
	Coberta	Águas	4 águas; 2 águas	2 águas
		Inclinação	Menos que 30%	Maior que 30%
		Beiral	Alongado ou com eiras e beiras	Simplex
	Fachada	Volume/estética	Simplicidade e rudeza; disposição irregular de portas e janelas, balcão como proteção da entrada	Influência clássica; valorização da simetria; verticalidade, marquise na porta de entrada
		Materiais	Granito; moldura das esquadrias em linhas retas e caiadas	Pedra variegada e arenito; janelas numerosas
Elementos construtivos	Alvenaria	Material	Pedras, tijolos, adobe e taipa	Tijolos e madeira
		Espessura	Paredes largas, caiadas e de inércia forte	Paredes estreitas com acabamento em reboco ou verniz
	Madeiramento	Usos	Utilizado em esquadrias e na cobertura	Utilizado em esquadrias, cobertura e paredes/divisórias
	Telhas	Material	Cerâmica e palha	Cerâmica

Elementos ornamentais	Esquadrias	Formato	Uso de folha dupla, predomínio de portas e janelas pequenas	Grandes dimensões, janelas de caixilho com peitoril baixo
		Material	madeira	Madeira e vidro
		Detalhe	aberturas superiores	arcos de volta inteira
	Adornos	Internos	Destaque para os forros e guarda-corpos	Elemento não valorizado
		Externos	Geralmente empregado nas esquadrias, varandas/balcão	Geralmente associado a verticalidade (torres e agulhas)

FONTE: RAVENA SOUZA, 2018.

IMAGEM 05: MODELOS DE FACHADA DA TIPOLOGIA PORTUGUESA E HOLANDESA, RESPECTIVAMENTE.



FONTE: RAVENA SOUZA, 2018.

Cabe ressaltar que a caracterização aqui proposta – determinando cada tipologia – não tem a intenção de dar conta de toda a complexidade da realidade de casa uma dessas culturas.

## AS INFLUÊNCIAS DA ARQUITETURA COLONIAL PERNAMBUCANA

De acordo com a compilação das características arquitetônicas que podem representar as casas simples de moradia para as duas nações que colonizaram o nosso estado, pretende-se aqui destacar os elementos que exerceram influência sobre nossa arquitetura colonial. Objetiva-se também situar essas características dentro do seu contexto histórico-cultural, tentando assim correlacionar fatores técnicos e culturais.

De acordo com Veríssimo e Bittar (1999) a fachada básica da casa colonial era composta por uma porta larga, sempre frontal, e duas janelas, frequentemente de madeira, onde em todas elas prevalecia a métrica e os espaçamentos entre as aberturas. As fachadas dos sobrados mantêm a métrica das casas térreas e as janelas dos pavimentos inferiores e superior são correspondentes. As casas e sobrados eram construídos lado a lado, e as diferenças sociais das famílias eram percebidas fortemente na arquitetura através da eira e da beira (Imagem 05).

IMAGEM 06: EXEMPLARES DA ARQUITETURA COLONIAL, RUA DO BOM JESUS, RECIFE-PE.



FONTE: RAVENA SOUZA, 2018.

Era comum que os sobrados tivessem o pavimento térreo ocupado pelo comércio e o

pavimento superior destinado à moradia. Em geral o pavimento superior corresponde ao inferior – sem reentrâncias ou balanços – havendo apenas o uso frequente de sacadas ou balcões (Imagem 05). Cabe ressaltar que uma característica importante das edificações coloniais é o predomínio dos cheios em relação aos vazios. Isso acontece porque a tecnologia construtiva da época não permitia que se trabalhasse de outra forma (DEBARBA et al, 2018).

No período holandês a capitania de Pernambuco vivia uma época de grandes avanços econômicos que refletiram no aumento demográfico e populacional. Este fato foi determinante para a conformação do conjunto urbano que se formava na ilha, pois:

sendo extremamente exígua no Recife a área disponível para novas construções, a solução foi apelar para prédios de um ou dois andares, comprimidos um sobre os outros sobre terrenos cuja largura muitas vezes não chegava a cinco metros, mas que se alongava em direção ao fundo para, não raro, desembocar numa outra rua. Tais sobrados pareciam mais esguios do que de fato eram, devido não apenas a estreiteza de suas fachadas como também à inclinação dos seus telhados, muitos dos quais possuíam frontão a maneira tradicional holandesa (LEITE, 2014, p. 31-32).

Mesmo adotando uma saída verticalizante, que nesse período não ultrapassou os 3 pisos, a pequena ilha não comportaria mais a população, e por isso como alternativa “para abrigar a população crescente foram encomendadas casas de madeira da Holanda ou se ampliou, em número de pavimentos, as antigas construções térreas” (MENEZES, 2015, p. 79).

Porém, não foram só as construções de madeira que marcaram o período holandês. Para Menezes (2015, p. 79) é característico dessa época “o emprego de tijolos de Frísia que se fez presente, diante da tradição construtiva holandesa”. Esse material construtivo ganhou destaque por ser uma alternativa mais barata e durável do que as soluções até então mais usadas pelos portugueses, como a pedra e o barro ou taípe. Nesse contexto é importante ressaltar que:

é sabido que os portugueses já fabricavam e faziam uso de tijolos muito antes da chegada dos holandeses, mas foram esses (os holandeses) que os utilizaram em larga escala, a ponto de no já citado Inventário de 1654, muitos prédios terem sido identificados como “obra de judeu ou flamengo” pelo simples fato de em sua construção terem sido empregados tijolos (MELO, 2014, p. 33).

Para Joaquim Cardoso (1940, p. 401) “isto põe em evidência que as obras portuguesas eram mais bem construídas, nelas sendo usados materiais mais ricos” e de maior durabilidade. A resistência desse material, frente às destruições, justifica o fato de “nem sempre judeus

e flamengos construíram as suas casas desde os alicerces, muitas vezes aproveitavam as paredes das casas arruinadas”. Ele destaca ainda que em suas pesquisas são numerosas as passagens como a seguinte: “he obra Portuguesa até donde chega o cunhal de pedras; e dahi para cima flamenga” (CARDOSO, 1940, p. 396) corroborando assim a hipótese de que houve um profundo processo adaptativo por parte dos novos colonizadores, que tiveram que se adequar às dificuldades da nova colônia.

As respostas adaptativas ao meio ambiente foram características para cada um dos grupos. Enquanto que os portugueses preferiam locais com um relevo mais acentuado, a exemplo de Olinda, os holandeses preferiram ocupar as áreas alagadas e os mangues do Recife. Essa diferença elementar serve de base para se:

distinguir com maior nitidez as maneiras de conceber e construir uma cidade, mantidas por holandeses e portugueses, em Pernambuco. Ao passo que os primeiros, não apenas por um instinto natural de defesa, mas, sobretudo, por uma melhor compreensão da vida urbana, iam construindo as suas casas sempre alinhadas e vem distribuídas ao pé das fortalezas; as cidades portuguesas prosperavam, quase sem discrepância, com o estabelecimento de novos núcleos de habitação, em torno dos pátios das igrejas (CARDOSO, 1940, p. 389).

Sob o domínio batavo, foram construídas várias casas de morada que se sucediam conjugadamente, criando um conjunto arquitetônico de sobrados, que continha uma loja de negócios no térreo, deixando a residência no andar superior, havendo alguns sobrados que possuíam dois andares acima da loja. Nota-se que nos pisos superiores costumeiramente ficava o balcão, por vezes acoplado às janelas, e de frente para a rua e “vários desses sobrados possuíam varandas com grades de ferro” (VIEIRA, 2012, p. 177). Entretanto, no que se refere às fachadas, “a influência maior que aí se pode destacar continua sendo a portuguesa, presente nos muitos balcões ou sacadas e na abundante utilização de pedra nos contornos de portas e janelas” (MELO, 2014, p. 33) elementos que perduram até os dias atuais.

Mesmo preservando um pouco do aspecto morfológico inicial, bem como elementos construtivos dessa época, em via de regra as fachadas encontram-se alteradas ou mesmo modernizadas. Partes características, como as eiras e beiras, foram subtraídas quando a arquitetura eclética começou a ganhar espaço e optou-se pela adoção de platibandas como solução para o escoamento das águas.



## A ANÁLISE DAS EDIFICAÇÕES

O conjunto arquitetônico da Rua do Bom Jesus, atualmente é composto por um total de 30 edificações. Todavia, duas delas – nº 59 e 35 – tem sua fachada principal voltada para a Rua Barão Rodrigues, e uma – nº 505 – para a Praça do Marco Zero. Devido a isto, esses três imóveis – situados nos lotes de esquinas – não foram considerados como pertencentes ao conjunto da rua em questão.

Para esta pesquisa foi considerados um total de 22 casas – nº 125, 143, 147, 163, 171, 179, 183, 191, 197, 207, 215, 227, 237, 152, 160, 164, 180, 194, 206, 212, 220 e 226 – que na medida do possível preservam características da arquitetura colonial. As demais 5 edificações – nº 137, 155, 172, 188 e 200 – apresentam um grau de modificação e descaracterização tão avançado que já não podem mais serem consideradas como parte desse conjunto antigo, configurando exemplares de uma arquitetura mais moderna.

Tomando como referência o quadro síntese exposto acima, foi elaborada uma tabela com as características que correspondem à tipologia portuguesa e outra que corresponde à holandesa, contendo 34 variáveis cada. Estas foram consideradas como presente, ausente, inconclusivo ou inviável.

Algumas variáveis, como o material utilizado nas alvenarias e nos acabamentos, o tipo e localização da escada, os adornos internos, bem como as características da argamassa não puderam ser avaliados em todas as casas, visto que a pesquisa encontrou algumas limitações como a impossibilidade de verificar os elementos construtivos da parede e por consequência retirar uma pequena amostra de argamassa, assim como ter acesso ao interior das casas. Devido a isto essas variáveis foram marcadas como inconclusivas, pois compreende-se que estes são dados que podem ser avaliados em outras situações. Esta lacuna indica, portanto, novos caminhos que essa pesquisa pode tomar.

As variáveis marcadas como inviável – material e dimensão das divisões internas, forro e adornos internos – foram consideradas assim por não estarem mais presentes nas edificações, devido às contínuas reformas e adequações, tornando-se, portanto, impossível avaliar suas influências.

De acordo com os dados da Tabela 02, onde são apresentados os valores em percentual das variáveis presentes, ausentes, inviáveis e inconclusivas para as duas tipologias estudadas, observa-se que as 22 casas analisadas podem ser classificadas como mistas.

TABELA 02: RESULTADO DA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS TIPOS E AS CASAS DA RUA DO BOM JESUS, RECIFE-PE.

	Percentual das variáveis presentes		Percentual das variáveis ausentes		Inviável		Inconclusivo	
Casa 125	44%	50%	44%	41%	9%	3%	3%	6%
Casa 143	44%	41%	44%	47%	9%	3%	3%	9%
Casa 147	32%	50%	56%	35%	9%	6%	3%	9%
Casa 163	47%	41%	41%	44%	9%	6%	3%	9%
Casa 171	44%	62%	44%	24%	9%	6%	3%	9%
Casa 179	53%	41%	35%	44%	9%	6%	3%	9%
Casa 183	50%	35%	38%	50%	9%	6%	3%	9%
Casa 191	50%	44%	38%	44%	9%	3%	3%	9%
Casa 197	56%	44%	32%	44%	9%	3%	3%	9%
Casa 207	47%	50%	41%	35%	9%	3%	3%	12%
Casa 215	47%	47%	41%	38%	9%	6%	3%	9%
Casa 227	38%	59%	50%	29%	9%	3%	3%	9%
Casa 237	38%	59%	50%	29%	9%	3%	3%	9%
Casa 152	50%	56%	38%	29%	9%	3%	3%	12%
Casa 160	41%	47%	47%	38%	9%	3%	3%	12%
Casa 164	41%	50%	41%	35%	9%	3%	9%	12%
Casa 180	50%	50%	38%	35%	9%	3%	3%	12%
Casa 194	32%	44%	56%	44%	9%	3%	3%	9%
Casa 206	41%	47%	47%	38%	9%	3%	3%	12%
Casa 212	32%	47%	56%	38%	9%	3%	3%	12%
Casa 220	38%	50%	50%	35%	9%	3%	3%	12%
Casa 226	47%	47%	41%	38%	9%	3%	3%	12%

Tipo Holandês	
Tipo Português	

FONTE: RAVENA SOUZA, 2018

Contudo, observa-se que entre as variáveis presentes em algumas casas predomina um maior número de características holandesas – nº 143, 163, 179, 183, 191 e 197 – e em outras predominam as portuguesas – nº 125, 147, 171, 207, 227, 237, 152, 160, 164, 194, 206, 212, e 220. As casas de nº 215, 186 e 226 apresentam o mesmo percentual de variáveis presentes para as duas tipologias.

TABELA 03: CLASSIFICAÇÃO DAS CASAS DA RUA DO BOM JESUS, RECIFE-PE.

Mista	3 (14%)
Mista- Holandês	6 (27%)
Mista- Português	13 (59%)

FONTE: RAVENA SOUZA, 2018

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de globalização, para que uma cultura permaneça viva é necessário que se estimule uma consciência social sobre a mesma. Que esta, se materializada, seja preservada de maneira segura e consciente, garantindo assim sua existência na posteridade. E que seus agentes estejam conscientes do seu papel de disseminadores às gerações futuras.

O desenvolvimento dessa pesquisa permitiu comprovar que mesmo que não existam mais construções tipicamente holandesas e portuguesas em Pernambuco, como afirmam os dados historiográficos, podem ser encontrados traços construtivos de ambos os países na arquitetura colonial pernambucana.

A partir do método proposto, pôde-se identificar que tanto a tipologia portuguesa quanto a holandesa exerceram forte influência na conformação das casas simples de moradia presentes no conjunto arquitetônico colonial da Rua do Bom Jesus, Recife- PE.

Observa-se que na maioria das casas, as características construtivas portuguesas – paredes grossas, varandas e balcões e predomínio de portas – estão associadas a elementos típicos da arquitetura holandesa – simetria da fachada, presença de sótão devido à alta inclinação do telhado e esquadrias em caixilho – criando, portanto, um modo de construir próprio da colônia.

Por fim, ressalta-se a importância de se aprofundar os estudos nas variáveis inconclusivas dessa pesquisa, visto que estas podem refinar ainda mais os resultados da classificação. Pretendeu-se, portanto, com este estudo, aprofundar os conhecimentos acerca desses bens materiais edificados tão marcantes para nossa cultura.

Para, além disso, a investigação das origens e influências arquitetônicas pela qual passou os casarios do estado de Pernambuco, pode nos auxiliar em uma melhor compreensão de aspectos latentes dessa cultura material, uma vez que são inerentes a ela os elementos adaptativos e cognitivos do grupo que a construiu.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Paula; SAMBRICIO, Carlos (Coord.). *Arquitetura popular: tradição e vanguarda*. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2016.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e destino**. 2ªed. São Paulo, Atica, 2001.
- CARDOSO, Joaquim. **Observações em torno da história da cidade do Recife no período holandês**. Rio de Janeiro, Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e artístico Nacional, n. 4, p. 383-402, 1940.
- DEBARBA, André Luís. GREGORY, Angélic. FRANKEN, Angela Pulga. BRUXEL, Daniela Cristina. *Período Colonial*. Disponível em: <http://arquitracobrasil.wordpress.com/periodo-colonial-1530-a-1830>. Acesso em: 12 de março de 2018.
- DEMANGEON, A. **Trois questionnaires et trois enquetes de géographie humaine**. Annales de Geographie, v. 45, n 257, p. 512-518, 1936.
- FARIA, Francisco. **Análise dos sistemas construtivos portugueses**. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 1997.
- FROTA, Anésia Barros; SCHIFFER, Sueli Ramos. **Manual de conforto térmico**. São Paulo: Editora Nobel, 1988.
- FULGÊNCIO, Vinícius Albuquerque. Vlaamse Stad: **Caracterização da urbanização holandesa no Recife a partir dos registros gráficos do Séc XVII**. In: XI SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE, novembro, 2015, Feira de Santana. Anais eletrônico: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015. Disponível em: <http://www2.uefs.br:8081/msdesenho/xiseminarioppgdc2015/anais.html>. Acesso em 12 de novembro de 2017.
- GAMA, Ruy. **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- IPHAN. **Rotas do patrimônio: Bairro do Recife**. Brasília, IPHAN, 2010a.
- IPHAN. **Rotas do patrimônio: Olinda sítio histórico**. Brasília, IPHAN, 2010b.
- ISRAEL, J. **Poderes da Coroa: 1600-1700. A República Holandesa**. São Paulo: Abril Livros, Time Life,1992.
- LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009
- LEITE, José Roberto Teixeira. **Arte e arquitetura no Brasil holandês- 1630 – 1654**. Recife: CEPE, 2014.
- MELO, Júlia Morim. **Mais além da Rua do Bom Jesus: A revitalização do Bairro do Recife, a população e outros usos do local**. 2003, 145 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2003.
- MENEZES, José L. M. **A recriação do paraíso: judeus e cristãos-novos em Olinda e Recife nos séculos 16 e 17**. Recife: Cepe, 2015



MESTRE, Victor. **O mito do modelo perfeito da casa popular de origem portuguesa**. Revista Cabo dos Trabalhos, v. 1, n. 12, p. 160-178, 2016.

OTTENHEYM, Konrad A. **Dutch contributions to the classicist tradition in orthern Europe in the Seventeenth Century: patrons, architects and books**. Scandinavian Journal of History, v. 28, n. 3-4, p. 227-242, jun, 2010.

PEREIRA, Gabriel. **Casa Portuguesa**. Lisboa: O Ocidente vol. 19, n.º 629 (1896),

PEVSNER, Nikolaus. **Historia de las tipologias arquitectonicas**. Barcelona, Editorial Gustavo Guili, S. A., 1979.

PIRES, Amílcar de Gil. **Os conceitos de tipo e modelo em Arquitetura**. Lisboa, Revista ARTITEXTOS, nº 8, p. 241-248, set. de 2009.

RENFREW, Collin; BAHN, Paul. **Arqueología: teorías, métodos y práctica**. Espanha: Akal, 1993.

SOARES, André Luiz Gomes; MELO, Marina Leitão Souza. **Modelos construtivos do Brasil colonial: o caso da Vila Nossa Senhora da Conceição Itamaracá – PE**. Recife, Anais Eletrônicos do IV Colóquio de História “Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade”. Luiz C. L. Marques e Newton D. A. Cabral (Orgs.). Recife, 16 a 19 de outubro de 2010. p. 442- 456. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.448.pdf>>. Acesso em: 17 de março de 2017

TIRELLO, Regina A. **A arqueologia da arquitetura: um modo de entender e conservar edifícios históricos**. São Paulo, Revista CPC, n. 3, p. 145-165, nov. 2006/abr. 2007.

VERÍSSIMO, F. Salvador. BITTAR, William S. Mallmann. **500 anos da casa do Brasil: Transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VIEIRA, Hugo Coelho; GALVÃO, Nara Neves Pires; SILVA, Leonardo Dantas [organizadores]. **Brasil Holandês: História, memória e patrimônio compartilhado**. São Paulo, Alameda, 2012.

WEIMER, Gunter. **A adaptação da arquitetura popular portuguesa aos trópicos sul-americanos**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA POPULAR, abril, 2013, Arcos de Valdevez. Anais eletrônico: Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2013. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/coloquioarquitecturapopular/actas-coloquio-internacional-de-arquitectura-popular>>. Acesso em 25 de outubro de 2017.

ZUMTHOR, P. **A Holanda no tempo de Rembrandt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1959.